

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ISAAC MARLON VASCONCELOS DO NASCIMENTO

**RACISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NEGRA NO ENSINO
SUPERIOR: mapeando discursos em produções científicas**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

ISAAC MARLON VASCONCELOS DO NASCIMENTO

**RACISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NEGRA NO ENSINO
SUPERIOR: mapeando discursos em produções científicas**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Me. Moema Alves Macêdo

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

ISAAC MARLON VASCONCELOS DO NASCIMENTO

**RACISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NEGRA NO ENSINO
SUPERIOR: mapeando discursos em produções científicas**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 06/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: ME. MOEMA ALVES MACÊDO / UNILEÃO

Membro: ESP. FRANCISCA JANIELE FELIPE FEITOSA / UNILEÃO

Membro: ESP. FRANCYELLY DA SILVA FÉLIX / ESTÁCIO FMJ

RACISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NEGRA NO ENSINO SUPERIOR: mapeando discursos em produções científicas

Isaac Marlon Vasconcelos do Nascimento¹

Moema Alves Macêdo²

RESUMO

Enquanto um espaço que historicamente foi permitido apenas à população branca, europeia em um Brasil que se arquiteia com o racismo e inferiorização de pessoas negras, nota-se o ensino superior como um espaço de impacto no processo de subjetivação e no adoecimento mental de pessoas negras. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva refletir sobre as práticas discursivas relacionadas ao sofrimento psíquico na população negra no ensino superior, pautando-se no movimento do Construcionismo Social. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa exploratória, utilizando do método de Revisão Sistemática, o método de análise de dados se deu a partir do Mapa Dialógico, onde nos 22 estudos considerados, foram garimpados os principais sofrimentos psíquicos discutidos. O estudo resulta em conjuntos de sofrimentos existenciais, sofrimentos na relação do negro consigo mesmo, e sofrimentos na relação com o outro, aparecendo sentimentos tais como: de não pertencimento, a negação de sua própria negritude, desumanização, psicopatologias graves, dentre outros. Conclui-se a necessidade de pensar o papel ético-político da Psicologia como um fazer que também deve ser decolonial e antirracista.

Palavras-chave: Racismo. Sofrimento Psíquico. População Negra. Ensino Superior.

ABSTRACT

As a space that has historically been allowed only to the white, European population in a Brazil that is rooted in racism and the inferiorization of black people, higher education is noted as a space with an impact on the process of subjectivation and mental illness of black people. In this sense, this research aims to reflect on the discursive practices related to psychic suffering in the black population in higher education, based on the movement of Social Constructionism. Methodologically, it is an exploratory research, using the Systematic Review method, the data analysis method was based on the Dialogical Map, where in the 22 studies considered, the main psychic sufferings discussed were mined. The study results in sets of existential suffering, suffering in the black person's relationship with himself, and suffering in the relationship with the other, showing feelings of non-belonging, denial of his own blackness, dehumanization, serious psychopathologies, etc. It is concluded that there is a need to think about the ethical-political role of Psychology as a task that must also be decolonial and anti-racist.

Keywords: Racism. Psychic Suffering. Black Population. University education.

¹ Discente do Curso de Psicologia pela UNILEÃO. Email: isaac.8115@hotmail.com

² Docente do Curso de Psicologia na UNILEÃO. Email: moema@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Objetivamos nessa pesquisa refletir sobre práticas discursivas relacionadas ao sofrimento psíquico da população negra no ensino superior em produções científicas. Especificamente buscaremos a) mapear produções científicas sobre sofrimento psíquico de população negra no ensino superior em produções acadêmicas; b) Analisar sentidos relacionados ao sofrimento psíquico da população negra no ensino superior em produções científicas, c) Identificar fatores de enfrentamento ao racismo no ensino superior.

Encontrei no posicionamento Construcionista Social uma forma de fazer pesquisa mostrando atravessamentos e considerado fazer pesquisa como um ato político, pois para mim este é um processo de desatar as amarras dos modelos de pesquisa eurocêntricos e coloniais que reproduziam apenas o saber, que socialmente a gente sabe que foi dado ao homem branco, rico, hetero-cisnormativo. Aqui é um espaço onde eu, bixa preta, me colocarei também enquanto um teórico que propõe uma conversa aos autores que eu trago, assim a gente tira a população negra apenas enquanto um objeto de estudos, é nesse sentido que defendo a pesquisa como um ato político, proporcionado até mesmo uma construção do saber Psicológico mais ético, no diz respeito ao combate das situações de opressão que adoecem os corpos marginalizados. Após mais de um século, tornou-se enraizado no inconsciente coletivo da sociedade brasileira um pensamento que marginaliza as pessoas negras, algo que as dificulta e/ou embarreira diante da busca por ocupação de espaços tidos como privilegiados para a branquitude, assim, iniciam experiências que me impulsionaram realizar este estudo, como as que compartilho a seguir:

Era uma manhã que talvez seria/ou é como todas as outras na faculdade, e eu estava embranquecido, com os cabelos lisos, a base clara no rosto, a pele lavada com leite de colônia. Já anunciava os atravessamentos coloniais que não tive conta de esconder, a colônia estava na pele. Nessa manhã, eu tava com aquela falsa sensação de existência, até que um dia uma aluna de Psicologia (da minha turma) gritou comigo e ela era branca, protegida pela sua bolha de colegas (as suas panelinhas) após o grito grosso, forte, ardido, com ar de ordem dizendo para eu descer da cadeira a qual eu estava em pé. Parece até um chicote batendo nas minhas costas, igual os meus antepassados sentiram. Ela era protegida pelas pessoas tendo o seu direito firmado de me gritar na frente de todos. Ali pensei que ainda assim algo estava errado comigo, eu era o cancelado, e quantos de nós somos? Sempre soube que muitos de nós não têm sua existência permitida em diversos espaços, somos cancelados de existir ali.

Foi com muita dor que eu consegui pisar meus pés num curso de Psicologia, pensei que

não era pra mim, e até hoje sei que o racismo faz com que eu tenha muitos momentos que eu me sinto distante de me sentir nesse lugar, e eu ainda tive uma massa de pessoas lá dentro me confirmando isso, então eu tive medo da Psicologia com sua mania de entender só quando o branco sofre, tive medo daquelas pessoas que estudavam e eu sabia que nem eu e nem os meus iam se sentir acolhidos e compreendidos, nem epistemes dos nossos a gente tem! Pois é, eu também tive que estudar, mas diferente desse movimento de se confortar com a opressão eurocêntrica, eu arregacei as mangas e fui participar das aulas trazendo Mbembe, Neusa, Fanon, Kilomba, Acotirene, Buttler, Léia, Veiga, e uma galera da Psicologia que muitos professores nem abrem a boca para citar o nome, e o que seria os atravessamos coloniais se não uma zona de conforto mantida aos brancos? Ao poder do saber branco? Eu ficava nas minhas madrugadas estudando e lendo, me pegava nos horários abjetos destinados à merendeira que sai antes do sol nascer, à prostituta que não teve oportunidades na vida, à quem estava com seu corpo alerta, mesmo na margem do dia-a-dia.

Nessas madrugadas pensava como dentro da Psicologia, das Ciências Humanas, Sociais, Políticas, da Saúde, tem uma galera que descoloniza o saber e eu nem via isso durante o dia, precisei ficar acordado mais um tempinho para conhecer quem são estes autores intocados na casa grande branca. E pra mim, o sol só veio depois. Eu escrevo com lágrimas nos olhos porque sei que estou falando do quando balançavam a cabeça e debochavam de mim na aula quando pedia a palavra, dos palavrões dirigidos a mim nos grupos de whatsapp, nos links onde os anônimos da faculdade se dirigiam para massacrar, eu sabia que não era à toa que eu era escolhido para ser chicoteado, eu sabia que não era à toa que as bolhas de alunos se juntavam para não me dar atenção, eu sabia que os incômodos quando eu estava na presidência de uma liga, de quando estavam à espera pelos meus erros para me cancelarem, a forma que diziam que o racismo era uma coisa da minha cabeça: “Você está exagerando, tem médicos negros sim, discordo quando você diz que os negros são vítimas da pandemia”, isso tudo era/é sobre o racismo consolidado e formalizado no ensino superior. E eu senti na minha pele isso, me dá uma angústia, uma revolta, uma vontade de gritar quando eu lembro dos meus olhos marejados de lágrimas e as pessoas sorrindo, isso é sobre os chicotes que bateram e ainda bem em um corpo que é desumanizado: o meu, os meus!

Enquanto uma bixa preta, percebi, em diversos momentos da minha trajetória acadêmica, que a universidade se encontrava pautada numa forma de funcionamento normativa que replicava, como num microcosmo social, os estigmas estruturantes da sociedade. Tanto no quesito do saber, quanto nos atravessamos racistas encontrados no mundo lá fora. O sofrimento que esse processo me causava, por vezes fazia-me procurar pessoas para partilhar. Mas ao olhar

ao redor, vinha um sentimento de solidão, pois poucos eram os negros no espaço. Então, no semestre 2019.2, por ocasião de diversos estudos que já vinha fazendo, tive acesso ao conteúdo do livro *Necropolítica* (MBEMBE, 2018), e as reflexões que ele me proporcionou foi dando sentido ao que me atravessava.

Daí foi surgindo o desejo de saber sobre as produções acadêmicas que falam dessa perspectiva de violência bem como das artimanhas sociais de exclusão que operam sutilmente e explicitamente e que atravessam meus afetos, fui fazendo disso um pilar fundamental para minhas inquietações enquanto acadêmico e pesquisador. Com o tempo, me dei conta que não tinha tantas pessoas em que eu pudesse dialogar sobre minhas inquietações e de como elas me atravessam, e nem tive no meu processo de conhecer sobre as dores que me atravessavam um espaço para falar em primeira pessoa. E assim surgiu a professora Moema Alves Macêdo na minha vida, mulher negra e professora do curso de Psicologia da Unileão, que foi quem me proporcionou um acolhimento ímpar e a sensação de pertencimento para levar o debate o qual me inquieta e me apresentou ferramentas extremamente potentes para fazer ciência de forma decolonial.

Ponto aqui a importância do quilombamento como estratégia de combate ao racismo dentro do ensino superior, quilombar-se foi preciso para que surgissem as faíscas de coragem para escrever e pensar sobre pontos bem dolorosos da minha trajetória, visto que olhar para o racismo não é fácil. Foi a professora Moema que utilizou do seu lugar de mulher negra e professora quem me disse que “sentir é resistência em um mundo que nos desumaniza”. Pode-se dizer que o quilombo “é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência.” (BHABHA, 2001, p. 29). Foi possível elaborar estratégias coletivas de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação (BHABHA, 2001, p. 20).

Nesse livro que tenho enquanto uma referência para minhas reflexões dentro da Psicologia, Achille Mbembe (2014 p. 66), faz uma referência para Foucault, e assim traz à tona a figura do estado como perpetuadoras de práticas racistas, nesse sentido é pertinente informar que diante a perspectiva do presente autor, o estado utiliza de definições raciais para manter a normalização de crimes por ele praticado, assim, justificam-se as práticas de violência à população negra com base no ordenamento jurídico elaborado pelo estado. Aqui sem dúvidas cabe pontuar a ideia de *Necropolítica*, a qual segundo Bontempo (2020, p. 559) trata-se de “uma política da morte que busca eliminar todos aqueles que são descartados e excluídos do sistema capitalista”, assim “sejam eles os moradores da periferia, negros, desempregados ou refugiados, as análises de Achille Mbembe mostram-se potentes para decifrar o lugar que o

racismo estrutural ocupa nesses processos” (BONTEMPO, 2020, p. 559).

Para Almeida (2018), o racismo se encontra institucionalizado no imaginário nacional brasileiro, pois os estudos a respeito da desigualdade racial foram utilizados para justificar a inferioridade negra, e não apresentam críticas sobre o lugar da população negra na sociedade, nessa perspectiva, dependeria da possibilidade do brasileiro de superar a dominação eurocêntrica que teria engendrado uma perspectiva racista e "imperialista", diante da população mestiça e negra local. Esse é o intento do artigo "Patologia social do branco brasileiro" (1955). Posicionando-se na ideia de Guerreiro Ramos (1954), o autor define que o racismo seria fruto de uma visão alienante do país, onde o brasileiro introjeta reproduz uma perspectiva colonialista diante da população local, objetivamente mestiça. Assim podemos pensar em uma situação típica de "colonialismo interno" e da colonialidade do poder.

Na obra “A redução sociológica” (1995). Guerreiro Ramos se refere à negritude a partir de caráter universalista, como face do fenômeno global das lutas de libertação das sociedades coloniais ou dependentes para se tornarem sujeitos de sua própria história. O autor então menciona os atravessamentos eurocêntricos na população brasileira afirmando que o Brasil não escapa quanto à estética social européia. Nesse sentido, superar esse quadro colonial dependeria da possibilidade do brasileiro enfrentar a dominação eurocêntrica que teria engendrado uma perspectiva racista e "imperialista", diante da população mestiça e negra local (GUERREIRO RAMOS, 1955). Nessa perspectiva, Muniz Sodré no livro Pensar Nagô (2017) apresenta uma discussão que traz a África enquanto berço da humanidade, e que esta foi desvalidada em sua produção de conhecimentos anteriormente aos países europeus.

Pensar em como esse sofrimento psíquico aparece no ensino superior é pensar numa discussão, que segundo Bastos et al. (2019), “se trata de um problema de relevância, diante da questão de transformação característica da juventude e das exigências feitas no contexto universitário, durante sua formação acadêmica e preparação técnica para o mercado de trabalho”. (p. 17683). Castro (2012) apresenta dados do relatório FONAPRACE (2004), o qual expõe o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras, em sua amostra 79,8% relataram ter passado por dificuldades emocionais no decorrer do curso. Ressalta-se aqui que a população negra sofre processos de desigualdades e exclusão, nesse sentido Patricio, Souza e Calvante (2013) corroboram com esta perspectiva trazendo a ideia de que exclusão social atua na produção de pessoas invisíveis e marginalizadas pela sociedade, sendo representadas, na maioria das vezes, por indivíduos que convivem com uma realidade precária, destituída de direitos e proteção social.

Dessa forma a presente pesquisa parte do ponto: Que compreensões de Sofrimento

Psíquico da População Negra no Ensino Superior podem ser mapeadas em discursos garimpados em produções científicas?. Nesse sentido, busca-se aqui promover uma maior familiaridade com o problema em questão, focando na população negra e refletindo teoricamente sobre seu lugar político e sua subjetivação a partir da sociedade racista, pensando na pesquisa como um instrumento de ressignificação e de mudança social. Essa pesquisa ressalta que é importante ao psicólogo, como princípio fundamental de sua ética, ter um embasamento e crítica social, além de lutar, também, para o extermínio das formas de opressão, silenciamento e exclusão (CFP, 2005). Assim, passearemos teoricamente em apontamentos teóricos sobre o racismo e sua operação social, pensaremos no sofrimento psíquico da população negra e sobre seu lugar no ensino superior, cujo são divididos em tópicos no referencial teórico deste estudo.

2 METODOLOGIA

O presente estudo pauta-se no movimento do “Construcionismo Social”, o qual se caracteriza em um movimento antiessencialista e antirrealista. De acordo com Duarte-Alves e Justo (2007), usar do movimento construcionista enquanto possibilidade de estudo “implica uma desconstrução contínua das posturas conservadoras que regem nossas práticas científicas..., ainda, abandonar a epistemologia tradicional que distingue interno-subjetivamente de externo-objetivo-mundo” (p.75). Assim, seguindo aqui este caminho, buscaremos “articular formas compartilhadas de entendimento tal como existem atualmente, como existiram em períodos históricos anteriores, e como poderão vir a existir se a atenção criativa se dirigir neste sentido” (GERGEN, 2009, p. 301). O autor aponta a importância desse modelo de crítica epistemológica para a Psicologia, corroborando com Sanches-Justo et al. (2010) que defende a importância do construcionismo social na pesquisa em Psicologia.

O estudo trata-se de uma pesquisa exploratória. A priori, será utilizada a “Revisão Sistemática Literária”, que perpassa para além de uma atividade usual de fazer uma revisão de literatura como parte de um trabalho de pesquisa acadêmica. Seguiremos a proposta de focar no carácter de reprodutividade de outros pesquisadores, apresentar-se-á de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultadas (GALVÃO E RICARTE, 2019).

Propomos, então, uma busca criteriosa nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico (Scholar Google), periódicos da CAPES e BTDT (Base de Teses e Dissertações), realizando, assim, uma seleção no que diz respeito a obras utilizadas para o desenvolvimento desta revisão. Com as palavras-chave utilizadas: racismo, sofrimento psíquico, população negra e ensino superior de modo associado e isolados. Primeiramente busco as palavras-chave de forma

isolada proporcionando um entendimento de forma mais geral sobre cada tópico e cada ponto, trazendo uma compreensão introdutória, e em seguida busco as palavras-chave de forma associada, assim foram associados “racismo e população negra”, “racismo e sofrimento psíquico”, “racismo e ensino superior”, “sofrimento psíquico e população negra”, “sofrimento psíquico e ensino superior”, e por fim “população negra e ensino superior”. Os dados foram analisados após a busca realizada, cruzando as palavras-chave, considerando um total de 22 estudos (que compõe o banco de dados utilizados nesse estudo), como critério de inclusão consideramos os estudos completamente publicados que trazem a temática de forma direta quando cruzadas as palavras chave (artigos que explicitam mais fortemente o sofrimento psíquico trabalhado em questão), foram excluídos estudos que não foram completamente publicados e subnotificaram o assunto em questão, bem como os estudos que enfocavam mais outros campos do conhecimento, sem trazer à tona o campo em questão nesse estudo: que é o processo de subjetivação a partir do sofrimento psíquico, que é onde a Psicologia pode adentrar.

Mediante os fatos elencados, pensamos, nesse campo, preocupações e perspectivas, entre elas a de uma Psicologia, radicalmente, qualitativa que se interessa por problemas, sintomas, questões, situações contemporâneas coletivas e atuais que necessitam de um esforço no que diz respeito à construção de um conhecimento interdisciplinar que critique as limitações do uso de uma única disciplina como a verdade do saber (SAWAIA; ALBUQUERQUE; BUSARELLO, 2018). Nesse sentido, o método de análise de dados se deu a partir do Mapa Dialógico, o qual “constitui um dos passos iniciais da análise e pode auxiliar pesquisadores/as em uma aproximação com o material, na organização dos discursos e no norteamento da discussão” (NASCIMENTO et. al. SPINK et. al., 2014, p. 248), além disso os autores dizem que o presente estilo de mapa objetiva dar visibilidade ao processo de análise e ao contexto de coprodução das práticas discursivas. O quadro abaixo representa a forma em que os estudos foram mapeados, utilizando um deles como exemplo:

Quadro 1: mapa dialógico do levantamento bibliográfico e discursivo dos estudos utilizados

Autores/Autoras/ (ano) Instrumentos	Título da Pesquisa / Instituição que foi realizada	Objetivo da Pesquisa	Público Participante / Local da produção dos dados da Pesquisa	Principal Sofrimento Psíquico Garimpado no Documento
--	---	---------------------------------	---	---

<p>WACHHOLZ, Thais (2016) DISSERTAÇÃO DE MESTRADO</p>	<p>Identidades e negritude na perspectiva de estudantes negros e negras UNESC - SC</p>	<p>Analisar os entendimentos de estudantes negros e negras, de um curso de Psicologia de uma IES do sul de Santa Catarina, sobre identidade e negritude.</p>	<p>Estudantes negros(as) do curso de Psicologia. UNESC - SC</p>	<p>Sentimento de Inferioridade</p>
--	---	--	--	--

Fonte: elaboração dos autores (2022).

Esse modelo de quadro foi inspirado no modelo descrito no capítulo “O Uso de Mapas Dialógicos Como Recurso Analítico em Pesquisas Científicas” de Nascimento et. al. (2014) que está presente no livro “A Produção de Informação na Pesquisa Social: compartilhando ferramentas” de Spink et. al. (2014), o mapa foi organizado de acordo com as principais informações necessárias para indexação do estudo no banco de dados do autor, inserido o objetivo da pesquisa para que seja anexado os que contemplam a inquietação em questão desse estudo e focando nas questões de sofrimento psíquico que aparecem no estudo anexado, elencando o principal garimpado. Os sentimentos (sofrimentos psíquicos) foram organizados em 3 diferentes categorias, os quais serão apresentados posteriormente nos resultados.

Defendo que nesse estudo é importante não só introduzir doses de sentimento e experiência de vida dentro do formato teórico e científico, mas também apontar a necessidade de uma revisão radical da premissa que dicotomiza emoção e pensamento na produção do conhecimento (JAGGAR; BORDO, 1997), essa questão é extremamente importante para se pensar em uma proposta de pesquisa decolonial, pois no contexto colonial latino-americano e brasileiro persistem “restos e marcas no corpo e no conhecimento daqueles que tiveram as suas humanidades retiradas pelo poder da metrópole, o que nos exige um esforço colossal em alterar as bases de sustentação das nossas metodologias de análise-intervenção” (CASTRO; MAYORGA, 2019. p. 12). Então a ideia de decolonialidade aparece justamente como essa forma de produzir conhecimento fora do modelo eurocêntrico, sem trazer uma verdade acabada, modelo que proporciona amarras e fechamentos, aqui abriremos os caminhos para todos, todas e todes, valorizando o conhecimento negro, e questionando as mãos brancas que contaram a história, a subjetividade, as relações humanas a partir de seu ponto de vista, que venha o nosso,

quebrando esse padrão de que a branquitude entende mais da gente do que nós mesmos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 LEVANTAMENTOS ACERCA DO RACISMO E DE SUA OPERAÇÃO NA SOCIEDADE

Inicialmente, pensar o racismo estrutural, segundo Arruda (2021) é pertinente reportarmo-nos à África, berço da humanidade, um continente potente em histórias e tradições. O mesmo autor (2021) pontua que em muitos espaços, essa história ainda tem sido negligenciada e/ou negada, devido à concepção eurocêntrica, a qual camufla o desenvolvimento histórico da África e seus importantes desdobramentos para a trajetória humana. Dessa forma, “é possível dizer que existiram e ainda existem muitas Áfricas” (SANTOS, 2017, p. 16).

Nos Estados Unidos, um marco teórico relevante para se pensar o racismo estrutural é o livro *Black Power: the politics of liberation in America*, publicado em 1967 (1992), por Kwame Ture (Stokely Carmichael) e Charles V. Hamilton, estes autores analisam o racismo a partir de dois principais aspectos: individual e institucional. Sobre o aspecto afro-americano, West (2002) pontua que existem estratégias da supremacia branca para manter o racismo como forma de beneficiar a elite dominante. No Brasil, pode-se pensar um marco que corrobora com a ideia de racismo estrutural que é a obra de Azevedo (1987), que trata da questão do negro pós-abolição.

A ideia de Racismo estrutural surge então para teorizar um sistema de atos discriminatórios, institucionais, históricos, culturais dentro de uma sociedade que frequentemente privilegia algumas raças em detrimento de outras (ALMEIDA, 2016). Assim, essa ideia reforça o fato de que há sociedades estruturadas com base no racismo, que favorecem pessoas brancas e desfavorecem pessoas pretas. No entanto, de acordo com Djalmila Ribeiro (2019), precisamos lembrar das questões advindas de uma estrutura a qual mantém um longo processo de desigualdade entre brancos e negros que se desdobram no genocídio de pessoas negras, no encarceramento em massa, na pobreza e na violência contra mulheres. Pode-se usar como referência nesse debate o livro “Pele negra, máscaras brancas”: a obra inaugural do pensamento fanoniano; nele Fanon (2008) analisa os engendramentos da situação de países colonizados, com enfoque na negritude e nas políticas de ordem racista e segregacionista. É aqui que o autor vai apresentar um importante pilar de seu pensamento, defendendo que o discurso colonial assujeita esses povos, criando em suas subjetividades um complexo psico-

existencial que os distanciam do ideal de humano.

É importante mencionar que em várias pesquisas os participantes relatam que o preconceito racial na sociedade existe, mas não o admitem em si mesmos (SILVA, 1998; SCHWARCZ, 2001; FIGUEIREDO; GOSFROGUEL, 2009; CAMINO et. al., 2001; FERREIRA, 2002). Conforme Almeida (2018):

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. [...]. (ALMEIDA, 2018, p. 38).

Podemos pensar o racismo em uma dimensão estrutural, como já foi exposto acima, pode-se pensar o racismo também em como ocorre de forma recreativa, e, nesse sentido o racismo recreativo existe dentro de uma nação altamente hierárquica e profundamente racista que formulou uma narrativa cultural de cordialidade racial. Ele reproduz estigmas raciais que legitimam uma estrutura social discriminatória, ao mesmo tempo que encobre o papel essencial da raça na construção das disparidades entre negros e brancos. (MOREIRA, 2019).

Além disso, é possível mencionar nesse presente referencial a ideia de um racismo cordial, tipicamente brasileiro, esta é uma forma de racismo que se manifesta nas relações privadas e se camuflam em suposta tolerância pública (LIMA; VALA, 2004). Assim, estes autores trazem à tona um texto intitulado “As novas formas de expressão do preconceito e do racismo” (2004), apresentando formas como (para além do racismo cordial), as teorias do racismo moderno, do racismo simbólico, do racismo aversivo, do racismo ambivalente, do preconceito sutil e do racismo cordial, dentre outras, estas são leituras teóricas sobre a manifestação do racismo.

Segundo Lima e Vala (2004) o racismo simbólico representa uma forma de resistência a mudanças no status quo das relações racializadas nos EUA pós Declaração dos Direitos Civis, assim, fala-se de como o racismo resiste às leis de forma simbólica. Essa ideia pressupõe que há uma abstração moral e ênfase de sentimentos e crenças adquiridas ao longo da socialização e não através da competição direta com os negros (SEARS; KINDER, 1971). Sobre o Racismo Moderno, Lima e Vala (2004), vão falar da associação com a extrema direita, o autoritarismo, se expressa como forma de privar a população negra de espaços reservados à branquitude.

O Racismo Aversivo e o Racismo Ambivalente relativizam como intrapsíquico o conflito entre valores igualitários e valores individualistas (LIMA; VALA, 2004). se dão a vivência interna ou psicológica deste conflito reflete o próprio caráter conflitivo das

democracias modernas, que simultaneamente salientam o valor da igualdade e o valor da competição (BILLIG, 1984). Pode-se dizer então que “o racismo é uma construção que se manifesta e se reproduz de modo consciente e inconsciente” (ARRUDA, 2021, p. 496). Essa perspectiva se relaciona com a formação político-cultural analisada por Gonzalez (1988, p. 69):

Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ela é uma América Africana, cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o t pelo d para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Ladina (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência). (GONZALEZ, 1988, p. 69).

Pode-se pensar de acordo com Savazzoni (2015) que o racismo é a ideia de que sujeitos de determinada etnia possuem características, habilidades ou qualidades específicas desta etnia, resultando com que pessoas de etnias distintas sejam tratadas de forma diferente. Dessa forma, cabe demarcar que

[...] o preconceito, o racismo e a discriminação são assuntos bastante antigos e repisados, mas que, infelizmente, ainda hoje, merecem ser discutidos porque não superados; muito pelo contrário: quanto maior o grau de desenvolvimento da sociedade contemporânea, mais eles parecem se exacerbar. Vejam-se os inúmeros casos de intolerância e violência contra homossexuais ocorridos nos últimos anos todo o país; observe-se também o racismo explícito contra atleas, e o menoscabo ainda hoje existente pelas mulheres. Verdade é que muito mais consciência há por parte da sociedade acerca da irracionalidade destes comportamentos nos dias atuais, contudo, esses comportamentos ainda persistem (SAVAZZONI, 2015, p. 41).

Pensa-se que as políticas do Estado escravista informam que somente brasileiros possam ter acesso à educação, dessa forma, trabalhadores escravizados tinham vetado o seu direito à educação. Seguindo ainda a perspectiva dos autores, sabe-se que este direito também fora negado a seus filhos a partir do discurso de que “se o negro é uma raça inferior, incapaz para o trabalho, propensa ao vício e ao crime, inimiga da civilização e do progresso, a educação se tornaria um gasto desnecessário”. Desse modo cabe destacar que os negros foram apartados do sistema educacional e uma grande massa destes foram obrigados a trabalhar desde cedo nos trabalhos mais precários para que sua família pudesse sobreviver, assim também lhe foi impedido o acesso ao ensino superior como nos dias atuais (GONÇALVES; AMBAR, 2015).

As desigualdades de raça, que se dão de forma estrutural, geram o atraso nos processos de escolarização e diversos processos de desigualdade que estão diretamente relacionadas ao

racismo moderno e ao racismo institucional (PRADO et al., 2022) Sobre as instituições públicas ou privadas, aparecem atitudes sociais específicas à população negra como omissão, desrespeito, desvalorização, desumanização as quais geram na população negra um mal-estar ou adoecimento psíquico (TAVARES; OLIVEIRA; LAGES, 2013). Os efeitos do racismo na pessoa negra consistem na diminuição da autoestima, alimentando a perspectiva de um sentimento autodestrutivo, internalizando que na sociedade a população negra seria inferior, pouco atraente e até mesmo, incompetente (LINS; LIMA-NUNES; CAMINO, 2014; SILVA, 2004).

3.2 O BANZO: APONTAMENTOS SOBRE O SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NEGRA

De acordo com a perspectiva de Valter Mata (2015, p. 2), que é integrante da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia, “o racismo é, sim, promotor de sofrimento psíquico”. Ele afirma que a própria saúde mental de um indivíduo negro, quando é alvo do racismo é amplamente afetada, havendo assim prejuízos, principalmente no que diz respeito à sua identidade e sua autoestima. Ele exemplifica este dado ao fato de que na sociedade, quase não se vê um referencial de heróis, ou pessoas inteligentes negras, e nem de negros em cargos de grande dimensão, isso faz com que a pessoa negra passe a vida sentindo-se "inferior", acreditando que é realmente insignificante e geralmente esse sofrimento acarreta em alcoolismo e depressão.

Corroborando com a ideia, a psicanalista Neuza Santos Souza, no importante livro *Tornar-se Negro* (1983) diz que o racismo atinge o corpo negro não necessariamente de forma física, mas que este corpo é visto pejorativamente em relação ao do branco, principalmente quando se refere aos atributos ligados à força física (ligada à capacidade para o trabalho manual), outro fator presente no corpo preto é o da hipersexualidade, quase descontrolada (PINAR, 2008). A psicanalista ainda explicita que "é a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. [...] 'O negro é o outro do belo'" (SOUZA, 1983, p. 29).

A angústia predominante na população negra engloba diversos sentimentos negativos e pode provocar a anulação até mesmo da percepção corporal e o desejo de modificação de sua própria identidade, a alienação de sua negritude é a submissão completa aos imperativos racistas (BATISTA, 2018). Assim,

O caráter perverso do racismo brasileiro está justamente na invisibilidade dessa realidade, desse sentimento que faz com que essas pessoas que são bombardeadas cotidianamente por esse estigma mantenham uma dor profunda em um lugar bem guardado, e que, apesar de reatualizado com as novas vivências se mantém como algo que não é falado, não ecoado e sim silenciado. No entanto, é sentido, percebido e deixa marcas bem profundas. (SAMPAIO, 2012, p. 266).

Assim, fala-se no presente referencial também sobre os impactos do racismo na autopercepção do corpo dos sujeitos negros, esse atravessamento se torna forte pois

O indivíduo, necessariamente, tem que vivificar seu corpo como fonte de vida e prazer para que possa construir uma identidade centrada em valores positivos, experimentando, assim, harmonia em sua estrutura psíquica. O expurgo da cor, por parte do indivíduo negro, portanto, se dá em uma dimensão muito mais nociva de autorrejeição quando atinge a esfera do corpo. O sujeito que não consegue oferecer absolvição ao próprio corpo pelos sofrimentos que este lhe impõe começa a ter no corpo um perseguidor implacável que traz uma gama de sentimentos relacionados à dor e à morte. (FERREIRA e CAMARGO, 2011. p. 377).

De acordo com Jeffrey Alexander (2011) existe um “trauma cultural do negro” o qual é provocado quando estes sentem que foram submetidos a um evento terrível que deixa traços indelévels na sua consciência coletiva, marcado desde às suas memórias até ao fato de transformar a sua identidade cultural de forma fundamental e irrevogável. Podemos presentificar aqui a ideia de “banzo” que é uma forma de depressão, consequência do sofrimento psíquico de pessoas negras durante o período escravocrata, essa ideia pode ser associada ao trauma cultural do negro (SILVA, 2019). Vale ressaltar que uma pesquisa realizada por Chou, Asnaani, e Hofmann (2012) constatou que a discriminação racial está correlacionada a um aumento de transtornos mentais em afro-americanos.

De acordo com Maria Inês Barbosa (1998): “[...] a maioria das doenças que atinge a população negra é a mesma que atinge a maioria da população em geral” (p. 100). Ainda segundo a autora, o diferencial é seu perfil mais crítico de saúde, recorrente a diferentes contextos históricos, uma recorrência que é pautada na discriminação, no racismo e na negação de direitos. Cabe então dizer que o racismo presente nas relações étnico-raciais no Brasil é um fator de desigualdade determinante e produtor humilhação social e sofrimento psíquico na população negra, além de justificativas naturalizantes das injustiças sociais, sendo importante evidenciar as contribuições da psicologia para o enfrentamento dessa problemática. (MARTINS, SANTOS, COLOSSO, 2013 p. 120).

Contemplando o tópico, é cabível mencionar o pensamento fanoniano, por apresentar a ideia da objetificação e animalização do negro, as quais se caracterizam pela anormalização

da sua corporeidade:

O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos.(FANON, 2008, p. 147).

Aqui pode-se mencionar uma ideia crucial para o entendimento do atravessamento do racismo no processo de subjetivação dos corpos negros, bem como o entendimento das raízes opressoras produtoras de sofrimento psíquico. Fanon fornece subsídios epistêmicos extremamente relevantes para a compreensão como se dão os mecanismos de dominação e sujeição do sistema colonial bem como esse fator em sua crucialidade para o processo de subjetivação do corpo negro.

3.3 A CASA BRANCA DO SABER: APONTAMENTOS SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA NO ENSINO SUPERIOR

Falar da população negra e do acesso dela no ensino superior, é falar de ações afirmativas, ela legitimou a presença mais forte de negros dentro da universidade, entretando os que chegam são atravessados pelo racismo ali presente. Por mais que já havia negros na universidade antes mesmo da concretização das ações afirmativas, essa ideia foi inaugurada pelo presidente dos Estados Unidos J. F. Kennedy, em 1963, que diz respeito a "um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate da discriminação de raça, gênero etc., bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado" (GOMES, 2001). De acordo com Gomes (2001) as ações afirmativas objetivam transformar a ordem cultural, pedagógica e psicológica, sua meta é retirar do imaginário coletivo a supremacia racial e subordinação racial e/ou de gênero, coibir a discriminação do presente, visando extinguir os efeitos persistentes (psicológicos, culturais e comportamentais) da discriminação do passado. De acordo com Marques (2018):

As políticas afirmativas em curso na educação superior possibilitam o acesso da população negra à universidade, porém ainda apresentando inúmeros desafios para a permanência e o êxito acadêmico. Entre esses tantos aspectos, encontra-se a possibilidade de os jovens negros fortalecerem seu pertencimento étnico-racial em um espaço historicamente homogêneo, no qual a diversidade cultural e racial antes não se fazia presente. (MARQUES, 2018, p. 20).

A autora pontua aqui a importância das ações afirmativas e de que estas foram importantes à sua pesquisa com a população negra no ensino superior. Pensar num contexto universitário para a população negra. Segundo esta mesma autora, “A invisibilidade da população negra na universidade ocorre em todos os setores, conforme salientado anteriormente” (MARQUES, 2018, p. 17). Além disso, dados apresentados por vários estudos demonstram que somente 2% dos jovens negros chegam aos cursos superiores (HENRIQUES, 2001). De acordo com Bourdieu, os mecanismos de eliminação atuantes na carreira escolar expressam mais escancaradamente seus efeitos nefastos no ensino superior, trazendo consequências nas oportunidades de acesso ao ensino superior e pesos com rigor desigual sobre os sujeitos (BOURDIEU, 1998).

Nos achados da pesquisa de Buhner et. al. (2019) que traz dados a respeito da qualidade e estilo de vida entre acadêmicos de medicina, incluindo na metodologia o marcador de raça, resulta que “a população foi constituída essencialmente por indivíduos que se auto classificaram como de raça branca (86,63%)”; estes autores explicam esta estatística também por tratar-se de uma faculdade no Paraná, na Região Sul do Brasil, marcada pela presença do eurocentrismo. Os autores também reportam que estudantes pretos em instituições predominantemente brancas, comumente, sentem-se pressionados a se misturar à realidade cultural dominante para se encaixar.

Em um estudo feito por Barry et al. (2016), há uma proposta de examinar o uso de álcool entre homens pretos, comparando em instituições predominantemente brancas com instituições em que predominam minorias. Este estudo denuncia a escassez de pesquisas cuja amostra envolva a população negra o que é preocupante devido à sua susceptibilidade a problemas relacionados à saúde mental dentro do universouniversitário. Nesse sentido, Sumstine et al. (2017) se propuseram a averiguar indicadores de saúde mental, o uso de substâncias e sua correlação com raça/etnia.

Porém, cabe destacar aqui que a própria universidade é um lugar eurocêntrico. Para trazer à tona essa ideia, cabe aqui ressaltar que a construção curricular e construção de carreira é marcada por “[...] fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos ‘nobres’ e menos ‘formais’, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos, culturais, necessidades de legitimação e controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, gênero e raça” (GOODSON, 2008, p. 8). Pode-se dizer que

“[...] conhecimento ocidental eurocêntrico é aquele que é construído sob o mito que estabelece o único conhecimento válido e legítimo a partir do

lócus de enunciação do sujeito europeu, civilizado, desenvolvido, descorporizado, dessubjetivado, neutro objetivo e universal. Toda a gama de experiências e conhecimentos produzidos em outros contextos e por outros sujeitos são desconsiderados, portanto, não devem adentrar nas escolas oficialmente e, inclusive, devem ser repelidos fortemente e desconsiderados”. (MELO; RIBEIRO, 2019, p.1874).

Corroborando com essa presente perspectiva, Apple (2001) pontua o pânico sobre padrões rebaixados, evasão, analfabetismo, medo da violência nas instituições educacionais, a preocupação com a destruição de valores, são expostos a partir de grupos dominantes para deslocar o discurso em educação para satisfazer aos seus interesses, aqui aparece o tradicionalismo, a padronização, a produtividade, as iniciativas de mercado e as necessidades industriais (que são eurocêntricas). No entanto, geralmente em grande, essas medidas são justificadas pelo desejo de estreitar as relações entre educação e um projeto mais amplo de economia. Essa ideia de educação, é o que Bourdieu e Passeron (1970) chamam de “dupla violência simbólica”, onde ao mesmo tempo em que a cultura da classe dominante é legitimada como a única cultura, esse movimento é camuflado como natural e não analisado como fruto de relações sociais de poder. Mediante este contexto, diz-se que os que não possuem proximidade com essa cultura, têm sua cultura desvalorizada e acabam enfrentando mais acentuadamente o fracasso escolar (SILVA, 2005).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos 22 estudos mensurados, pôde-se perceber que diversos sofrimentos vêm à tona com a operação do que os autores consideram Racismo; nesse sentido, foram elencados os sofrimentos garimpados nos estudos (focando-se no principal), o que foi dado mais enfoque e no que mais se repetia nas entrevistas. Tendo a garimpagem feita do principal sofrimento psíquico de cada estudo, estes foram divididos em três categorias: a) sofrimentos existenciais; b) sofrimentos na relação consigo mesmo; c) sofrimentos na relação com o outros. Esta categorização pode ser refletida no quadro a seguir:

Quadro 3: mapa de categorias de sofrimentos psíquicos garimpados nos artigos

<p>a) SOFRIMENTOS EXISTENCIAIS (Relacionam-se a fatores filosóficos, antropológicos e humanidade, bem como fatores descritos na saúde como categorias</p>	<p>Desumanização; Despersonalização; Autonegação; Desespero;</p>
--	--

universais)	Sentimento de não existência; Dor psíquica; Psicopatologias graves (Uso abusivo de álcool e outras drogas).
b) SOFRIMENTOS NA RELAÇÃO CONSIGO MESMO (Relaciona-se a sofrimentos do sujeito na sua relação afetiva, subjetiva e de vínculo consigo mesmo)	Autopercepção negativa; Sentimento de não reconhecimento de si; Baixa autoestima; Negação da própria negritude; Fuga de reconhecer-se negro;
c) SOFRIMENTOS NA RELAÇÃO COM O OUTRO (Relaciona-se a sofrimentos do sujeito nas relações afetivas, intersubjetiva e de vínculo com outras pessoas)	Sentimento de inferioridade; Abandono; Silenciamento; Sensação de inadequação e deslocamento; Sentimento de rejeição; Sentimento de desqualificação; Sensação de não protagonismo; Solidão.

Fonte: elaboração dos autores (2022).

4.1 SOFRIMENTOS EXISTENCIAIS

Os sofrimentos existenciais, podem ser trazidos à tona a partir da ideia do vazio existencial, defendido por Aguiar e Andrade (2021) como uma angústia que se dá a partir de uma busca por preencher um certo vazio e encontrar um sentido para a vida. (2019, p. 51), cabe ressaltar que “o ser humano é um ser-no-mundo; existe sempre em relação com algo ou alguém e compreende as suas experiências, ou seja, lhes atribui significados, dando sentido à sua existência” (FORGHIERI, 2019, p. 51).

Nesse sentido, é certo pensar no sofrimento existencial a partir dessa angústia de um ser-no-mundo. Nesse tipo de sofrimento, a pessoa sente-se sozinha e distanciada, não apenas das situações concretas, mas principalmente, de seus semelhantes; o sujeito percebe uma dificuldade e/ou impedimento de se envolver nas situações e, conseqüentemente, de compreendê-las, ou lhes atribuir significado em sua existência (FORGHIER, 2019, p. 54).

Elencado que o sofrimento existencial é entendido como um esvaziamento de um sentido de existência a partir da relação do sujeito com o mundo (AGUIAR, ANDRADE, 2021),

cabe nos questionarmos de que mundo estamos falando quando se pensa do sofrimento psíquico da população negra no ensino superior: que mundo é esse? Um mundo racista que nega a existência a todo o momento das pessoas negras, vítima da Necropolítica (MBEMBE, 2018). Nessa perspectiva existencial, Almeida (2018), pontua que as pessoas não nascem brancas ou negras, mas tornam-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus afetos (p. 53).

Nessa perspectiva, Souza (2021) pontua o doloroso processo de se tornar negro, mencionando os atravessamentos psicossociais do racismo. Almeida (2018) pontua o processo de desumanização da população negra a partir de sua experiência na Diáspora Negra, essa experiência denuncia a violência racial institucionalizada no Brasil, apontando um amplo processo de dominação/opressão capitalista na consolidação dos Estados-nação e do colonialismo. Nesse sentido, o sistema desumaniza corpos pretos, retirando-os do caráter de humanidade desde o Brasil colonial (que se repete). De acordo com Vargas (2010) há uma articulação que torna significativa como uma constelação supranacional que atinge de forma desigual e desproporcional as populações negras na diáspora, assim, a diáspora começa quando o negro é retirado de seu caráter humano, desde quando foi mercantilizado e retirado do seu lugar, da sua cultura, do espaço, de suas origens, como uma tentativa de mortificação subjetiva.

A presente pesquisa trouxe como resultados nessa categoria de sofrimento o processo de desumanização, visto no estudo de Olivera (2013), realizado na Universidade Federal de São Carlos, o qual tem enfoque no processo de constituir-se negro-intelectual. Aqui vamos perceber o quanto o contexto acadêmico retira o corpo negro desse lugar de saber, e de se reconhecer dentro dessa possibilidade de intelectualidade. Outros sofrimentos existenciais se sobressaem quando o sofrimento psíquico da população negra é produzido a partir do racismo dentro do ensino superior. A despersonalização aparece como principal no estudo de Souza (2009), que vai trazer também voltado para a intelectualidade, do quanto a população negra, por vezes, se distancia do saber e de se reconhecer nesse lugar de saber.

Outros principais sofrimentos garimpados aparecem fortemente como o sentimento de não existência (VIEIRA, 2021), podendo ser trago à tona a população negra que não se sente incluída nos debates, nas aulas, e principalmente nas relações acadêmicas, o autor vai alertar para os casos de racismo citando o sofrimento psíquico e de como este aparece dentro das instituições de ensino, observando histórias não ficcionais de pessoas negras, que sofreram racismo em instituições de ensino, estudo este realizado na Universidade Estadual de Goiás. O desespero e a dor psíquica podem ser vistos, respectivamente, nos estudos de Garcia (2018) e

Silva (2016), mostrando-se por meio de outros marcadores relacionados a dores advinhas de um processo de exclusão institucional, e a partir disso pensar também em Psicopatologias, como ansiedade e depressão, os quais aparecem e se misturam com o racismo dentro da universidade, interferindo nas relações entre alunos, professores e demais relações dentro do contexto acadêmico.

Essas psicopatologias podem ser vistas no estudo de Santos Júnior (2011), num estudo realizado na Universidade Estadual de Campinas que percebe os indicadores de psicopatologias graves e alerta para riscos a partir dos relatos de discriminação sofrida pela população negra. Nesse estudo, a presença de psicopatologias é o principal contexto dos estudantes em foco, tendo em vista que outros sofrimentos também são trazidos à tona. O autor conclui que as categorias de discriminação e características pessoais sugestiva relacionadas ao sentimento de inferioridade apontam queixas psicopatológicas afetivas, as quais são internalizadas, que são apresentadas paralelamente a uma escassa qualidade de vida. O estudo que contou com uma amostra de 1.174 alunos, denunciou que Negros/pardos foram o grupo com mais desvantagens socioeconômicas, escassa qualidade de vida, possuindo diferenças internas em termos de assunção de identidade étnica ou racial, se referem ao espaço apontando situações de opressão.

4.2 SOFRIMENTOS NA RELAÇÃO CONSIGO MESMO

É um debate pertinente à Psicologia mencionar como o racismo traz impactos na relação do negro consigo mesmo. Pinto e Ferreira (2014) apresenta estes impactos no processo de construção de identidade, a qual, pontua Ferreira (2000), perpassa para além de pessoal, é fundamentalmente social e política, o autor considera como uma referência em torno da qual o indivíduo se autoreconhece e se constitui, trazendo à tona as constantes transformações e construções na relação em que o sujeito estabelece consigo mesmo.

Pensando em como o racismo tem um impacto significativo nesse sofrimento, diz-se que a negritude se encontra submetida em um processo onde as condições de existência e o exercício de cidadania se torna precarizado, e nesse sentida a construção de uma identidade positivamente afirmada é dificultada, ou seja, sofrimentos psíquicos estão intimamente ligados com esse processo identitário (FERREIRA, 2002, p. 71). A forma que o negro se vê e se sente é uma artimanha do racismo, pois esse sofrimento não deve ser visto individualizado mesmo na relação consigo mesmo, entendendo que "essas relações não são imediatas, são mediadas porque os fenômenos psicológicos não existem por si só descolados do social, mas de fato estão determinados pelas ações mediadas" (MOLON, 2003, p. 102).

Verificamos diversos sofrimentos com base na relação consigo mesmo. Dos garimpados, a autopercepção negativa, a baixa auto-estima e o uso abusivo de álcool e outras drogas se sobressaem, podemos observar estes sentimentos no estudo de Santos (2016), o qual traz levantamentos importantes sobre as relações raciais dentro do espaço acadêmico, denunciando esse espaço como impactante nas trajetórias negras. O estudo de Julio (2011), realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, é nítido também nas entrevistas feita com a população negra estudantes do ensino superior na universidade privada: as dificuldades frente sua auto-relação. A autora pontua que é em função do racismo, que estes estudantes negam, escondem e bloqueiam qualquer possibilidade em aproximar-se da temática, isso quando o seu estudo explicita a atitude desses entrevistados frente à ações e debates dentro da universidade.

Assim, podemos pontuar como sofrimentos nessa categoria a fuga da própria negritude, a negação desse lugar como parte desse sentimento na relação dos estudantes negros consigo mesmo, Mazama (2010, p.113) pontua que “a negação da raça como categoria socialmente relevante” e “negação da raça como realidade física” se torna uma forte argumentação que ainda é usada como uma forma de ocultar o racismo e a supremacia branca, é nesse sentido que Queiroz (2000) a negritude universitária como sobreviventes do sistema escolar anterior, uma opressão que é recorrente e traz impactos nessa auto-relação, trazendo-os como sobreviventes do sistema educacional.

4.3 SOFRIMENTOS NA RELAÇÃO COM O OUTRO

É visível nos estudos como a relação do negro com o outro dentro da universidade são muitas vezes relações de significativo sofrimento para o negro. Dos garimpados, se sobressai o sentimento de inferioridade, o sentimento de abandono, de inadequação e deslocamento. Nos estudos de Castro (2017), realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, podemos visualizar esses sofrimentos acontecendo principalmente quando o racismo traz como consequência ao sistema educacional superior a falta de representatividade, o estudo, por outro lado, também traz um impacto de representatividades negras, entrevistando oito estudantes de classe média, que sofreram e sofrem com o racismo, e que desenvolveram um letramento e um reconhecimento das artimanhas desse sistema de opressão.

Gonçalves e Silva (2000, p. 135) apontam que “exclusão e abandono” são os eixos pelos quais as políticas educacionais são visualizadas quando diz respeito situação educacional da população negra, nisso, há uma produção de solidão nestes negros institucionalizados. De

acordo com Oliveira et. al. (2018) a solidão tem cor, e essa cor é negra, visualizando a produção de solidão na negritude, trazendo para o contexto de mulheres negras, como uma artimanha das colônias, e conseqüentemente do racismo. Percebe-se também no mapeamento dos discursos o processo do negro se sentir deslocado, que advém do lugar de não pertencimento à instituição, ao curso, às pautas, etc.

O silenciamento e os sentimentos de desqualificação e de rejeição também aparecem no mapeamento, Santos (2016) expõe como negros, nesse contexto, se sentem silenciados, inclusive quando pretendem levar pautas sobre o racismo, quando sentem a necessidade de discutir tal temática no espaço acadêmico, a população negra tem seus trabalhos completamente desvalorizados, segundo o autor.

Potquando como referência o livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon (2008), pode-se dizer que nesse sofrimento, o negro se enxerga e passa a agir e existir de acordo com o olhar do branco. Silva (2021), mulher negra, discute que o negro aprende a se conhecer em sala de aula como um outro desqualificado, e que esta população não consegue se perceber detentora de conhecimento, trazendo em seu discurso os efeitos coloniais presentes na educação e os impactos deste nas redes de ensino, pontuando que tais sistemas legitimam estruturas de subalternização que calam, desqualificam ou não valorizam as/os intelectuais negras e negros, principalmente quando está em pauta a fala desses intelectuais negras e negros brasileiros e suas perspectivas epistêmicas decoloniais, se tornando falas subalternizadas. A autora realizou este estudo na Universidade Federal da Bahia. Plá (2009), em seu estudo realizado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, fala da negritude no ensino superior como pessoas rejeitadas, observação as relações raciais a partir de cotistas no ensino superior, apresentando discursos excludentes dentro desse campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos sofrimentos da negritude nas instituições de ensino superior, a partir de discursos e levantamentos foram mapeados pelo autor em produções científicas, e considerados como efeitos do racismo, tais como: desumanização; despersonalização; autonegação; desespero; sentimento de não existência; dor psíquica; psicopatologias graves, autopercepção negativa; sentimento de não reconhecimento de si; baixa autoestima; negação da própria negritude; fuga de reconhecer-se negro; sentimento de inferioridade; abandono; silenciamento; sensação de inadequação e deslocamento; sentimento de rejeição; sentimento de desqualificação; sensação de não protagonismo; solidão... O movimento construcionismo social

foi a âncora para as escolhas metodológicas.

Foi com muita dor que escrevi esse trabalho. Faço presente a fala da professora Moema Alves Macêdo aqui, de que lhe dar com estas situações exigem estratégias, e pensar em estratégias para o enfrentamento do racismo na universidade foi primordial para que eu chegasse até aqui e falasse sobre uma população que sofre num espaço que ainda é colonial no ser, no saber e no poder. Tornar-se intelectual e pertencente às mais diversas profissões é um desafio constante para a negritude. Não finalizaria essa produção sem deixar nítido aos leitores o quanto é caro e árduo o preço que paguei e pagamos para chegar aqui, expor nossos trabalhos, nosso conhecimento que historicamente nos foi retirado e principalmente nossa história e nossa humanidade.

Presentifico a memória de uma dessas marcas, onde eu estava numa aula onde uma de minhas produções bibliográficas estavam sendo sorteadas para alunos, um livro chamado “Bixas Pretas” que carregava um capítulo meu, orientado por um professor branco. Quando a ganhadora recebeu o livro, perguntei se ela gostaria do autógrafo, já que eu sou o autor principal, ela disse que não, que só queria do professor, na frente de todos, que riram com o ato dela e se sentiram representados. Sim, eu sou a bixa preta que escreveu e produziu o capítulo, e mais uma vez senti a exclusão, onde tomam da gente aquilo que foi a gente quem fez. E esse foi o estopim do que vinha sentindo, foi a grande denúncia do que eu fazia e não tinha o direito de sentir sobre o que fazia, tantas coisas dos negros foram retiradas, as diásporas ainda existem, a nossa subjetividade é produzida a partir destas.

Sou filho de uma Maria que me ensinou a enfrentar e a levantar a cabeça quando me desqualificam, sou filho de uma Maria, um dom, uma certa magia, uma força que me manteve alerta, uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta, a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta! (MILTON NASCIMENTO, 2018). Foi preciso ter força, foi preciso ter raça e gana sempre, trago no meu corpo essa marca, da minha mãe, dos meus ancestrais que foram escravizados. Penso na ancestralidade como uma forma de olhar para essa rota de fuga, bem como pontuo a urgência do aquilombamento como estratégia de enfrentamento do racismo nas instituições de ensino superior, cito aqui um estudo de Dócio e Perovano Filho (2019) intitulado “ Extensão universitária é ato de aquilombar-se na contemporaneidade” que traz esse sentido de utilizar dos movimentos que a universidade oferece para fazer quilombo, esse espaço de fuga, de resistência, de viver-se, viver nossas raízes, nossa cultura, nosso saber. Foi através da extensão universitária que consegui levar esses debates para a universidade. É contando com professores que a gente também pode se aquilombar, pensar em grupos de estudos, debates, e afins, abrindo

os caminhos para fazer um quilombo com os negros que existem dentro da universidade.

Como diria uma mulher negra chamada Moema, a qual é minha orientadora “é hora de abrir caminhos”, então podemos trazer este trabalho como caminho e como uma ferramenta para que outros caminhos surjam na academia, para o que se pode pensar, o que se pode trazer à tona, criticar, denunciar, pensar e repensar. Que fique aqui o papel ético-político da Psicologia de construir saber de uma forma decolonial, pois se não for assim, o código profissional de ética não faz sentido, não há luta contra a opressão, a negligência, o silenciamento, não há papel social, e nem entendimento do dito sofrimento psíquico. Olhar para a negritude no ensino superior, na elite da colônia e do império que só a branquitude europeia tinha acesso e ainda tem, é urgente e emergente. Por uma psicologia antirracista, Axé!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. H. C., ANDRADE, A. M. M., Vazio existencial e sofrimento psíquico na vida contemporânea: a busca de sentido. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 539-554, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483.

ALEXANDER, J. **Trauma cultural e identidad colectiva. In Trauma, cultura e historia : reflexiones interdisciplinarias para el nuevo milenio / ed. Francisco A. Ortega Martínez. – Bogotá : Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas. Centro de Estudios Sociales, 2011.**

ALMEIDA, M. S. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. EM PAUTA, Rio de Janeiro _ 2o Semestre de 2014 - n. 34, v. 12, p. 131- 154.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

APPLE, M.W. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ARRUDA, D. P. Dimensões Subjetivas do Racismo Estrutural. **Revista Eletrônica da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**. v. 13, n.35, p. 493-520, 2021.

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro, 1987.

BARBOSA M. I. S. **Racismo e saúde**. Tese de doutorado em Saúde Pública, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.

BARRY, A. E.; JACKSON, Z.; WATKINS, D. C.; GOODWILL, J. R.; HUNTE, H. E R. Alcohol Use and Mental Health Conditions Among Black College Males: Do Those Attending Postsecondary Minority Institutions Fare Better Than Those at Primarily White Institutions? **American Journal of Men’s Health**, v. 11, n. 4, p. 962-968, 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.1177/1557988316674840>. > Acesso em: 13 de Agosto de 2022.

BASTOS, E. M.; MAIA, A. M.; OLIVEIRA, C. L. F.; FERREIRA, S. N. Sofrimento psíquico de universitários: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 17681-17694, 2019.

BATISTA, W. M. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. 4, p. 2581-2589, 2018.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001;

BILLIG, M. Political ideology: social psychology aspects. In H. Tajfel (Org.), *The social dimension*: **European studies in social psychology**, v. 2, p. 446-465. 1984.

BONTEMPO, V. A. Achille Mbembe: A Noção de Necropolítica. **Revista Sapere Aude**, v. 11, n. 22, p. 558-572, 2020.

BOURDIEU, P. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BRASIL. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **II Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior**. Brasília (DF), 2004.

BÜHRER, B. E.; TOMIYOSHI, A. C.; FURTADO, M. D.; NISHIDA, F. S. Análise da Qualidade e Estilo de Vida entre Acadêmicos de Medicina de uma Instituição do Norte do Paraná. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 1, p. 39-46. 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n1RB20170143> >. Acesso em: 14 de Agosto de 2022.

CASTRO, A. K. S. S. **Evasão no ensino superior: um estudo no curso de psicologia da UFRGS**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10183/55077> (2012). Acesso em 15 de agosto de 2022.

CASTRO, R. D.; MAYORGA, C. Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 3, 2019.

CASTRO, R. D. Nós queremos reitores negros, saca?: trajetórias de universitários negros da classe média da UFMG. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. Conselho Federal de Psicologia, Brasília. Agosto de 2005.

DÓCIO, A. de A.; PEROVANO FILHO, N. Extensão universitária é ato de aquilombar-se na contemporaneidade. **ODEERE**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 338-363, 2019. DOI: 10.22481/odeere.v4i8.6241.

DUARTE-ALVES, A.; JUSTO, J. S. **Saberes no cotidiano: práticas discursivas e transdisciplinaridade**. In: Constantino, E. P. (org.). *Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. São Paulo: UNESP/Arte & Ciência Editora, pp. 61-78. 2007.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, R. F.; CAMARGO, A. C. As relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 374-389, 2011.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2019.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: Filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p.57-73, 2020.

GARCIA, P. C. A. **Representações sociais sobre o racismo no discurso de discentes Moçambicanos na Unilab/Ce: vozes, imagens e trajetórias coletivas**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Instituto Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção-Ceara, 2018.

GERGEN, K. Social Psychology as History. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 26, n. 2, p. 309-320, 1973.

GENGER, K. L. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 6. n. 1, p. 299-325, 2009.

GOMES, J. B. B. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social**. Rio de Janeiro: Renovar. 2001.

GONÇALVES, L. A. O. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento Negro e Educação. Rio de Janeiro, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Revista Brasileira de Educação, nº 15, p. 134-158, set./out./dez. 2000.

GONÇALVES, R.; AMBAR, G. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. **Lutas Sociais**, v. 19, n. 34, p. 202-213, 2015.

GONZALEZ, L. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988.

GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUERREIRO RAMOS. O problema do negro na sociologia brasileira". **Cadernos do Nosso**

Tempo, v. 2, 1954.

GUERREIRO RAMOS. "Patologia social do branco brasileiro". **Jornal do Comércio**, 1955.

GUERREIRO RAMOS. **A redução sociológica**. 1ª edição 1958. Rio de Janeiro, Editora UFRJ. 1995.

HENRIQUES, R. Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década de 90. Rio de Janeiro: Ipea, 2001. (Texto para discussão n. 807).

JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1997.

JULIO, A. L. S. Negros e negras no ensino superior privado : um estudo sobre raça e gênero. 2011. 2 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LIMA, M. E.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. In: TURRA, C. & VENTURI, G. (1995). Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. **Estudos de Psicologia**, p. 40 - 411, 2004.

LINS, S. L.; LIMA-NUNES, A.; CAMINO, L. O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 95-105, 2014.

MARQUES, E. P. S. O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, e230098, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/VW9YBNPcKcfrnqyMCMcVxm/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em: 13 de Agosto de 2022.

MARTINS, E.; SANTOS, A. O.; COLOSSO, M. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. In: **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15. n. 3, p. 118-133. São Paulo, SP, set.-dez. 2013. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n3/09.pdf> >. Acesso em: 16 de Agosto de 2022.

MATA, V. O racismo é, sim, promotor de sofrimento psíquico. Portal do Conselho Federal de Psicologia. 2015. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/o-racismo-e-sim-promotor-de-sofrimento-psiquico/> >. 13 de Agosto de 2022.

MAZAMA, A. A Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, E.L. (org) A Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro. 2009.

MBEMBE, A. **A crítica da Razão Negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 3. ed, 2014.

MELLO, A.; RIBEIRO, D. **Eurocentrismo e currículo: apontamentos para uma construção curricular não eurocêntrica e decolonial**. Rev. E-Currículo. Programa De Pós-Graduação em Educação e Currículo, PUC. 2019.

MILTON NASCIMENTO, Maria Maria (Acústico). Universal Music: Rio de Janeiro. (5.48 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc> .

MOLON, S. I. Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky. Petrópolis: Vozes. 2003.

MOREIRA, A. Racismo Recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamilá Ribeiro).

OLIVEIRA, E. **Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual: considerações do processo de constituir-se negro-intelectual**. 2013. 205 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

OLIVEIRA, I. DE M., SANTOS, N. C. S. SOLIDÃO TEM COR? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas - Humanas E Sociais**, 7(2), 9–20. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2018v7n2p9-20>. 2018.

PATRÍCIO, C. M. S.; SOUZA, F. A.; CAVALCANTE, L. S. **O Racismo como expressão da questão social: sob os olhares dos estudantes da universidade estadual do Ceará** - UECE. IV Seminário CETROS. Fortaleza. 2013.

PINAR, W. F. O corpo do pai e a raça do filho: Noé, Schreber e a maldição do pacto. **Revista Brasileira de Educação Rio de Janeiro**, v. 13, n. 37, p. 35-35, jan./abr., 2008.

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014.

PLÁ, S. Os cotistas negros na universidade: perfis e representações. 2009. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2009.

PRADO, C. C.; NASCIMENTO, D. S.; CADER-NASCIMENTO; F. A. A.; FERREIRA, L. O. A. Fatores promotores de sofrimento psíquico na população negra em vulnerabilidade social. **PSI UNISC**, v. 6, n. 1, p.48-68, 2022.

QUEIROZ, D. M. "Desigualdades raciais no ensino superior: A cor da UFBA", in QUEIROZ, D. M. et. al., Educação, racismo e anti-racismo (programa A Cor da Bahia/ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFB). Salvador, Novos Toques. 2000.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAMPAIO, A. S. **Ecossistema do silêncio: reflexões sobre uma vivência de racismo**. In L. E. Batista, J. Werneck, & F. Lopes (orgs.), Saúde da população negra (2. ed.). Brasília: ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. 2012.

SANCHES-JUSTO, J; FERREIRA, S. L.; VASCONCELOS, M. S.; JUSTO, J. S. **O construcionismo social na pesquisa em psicologia**. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, 2010.

SANTOS, M. F. Movimento negro e relações raciais no espaço acadêmico: trajetórias socioespaciais de estudantes negros e negras na Universidade Federal de Goiás. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SANTOS, Y. L. **História da África e do Brasil afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SANTOS JÚNIOR, A. **Identidade, discriminação e saúde mental em estudantes universitários**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. 2011. 304 p.

SAVAZZONI, S. A.. Preconceito, racismo e discriminação. **Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito**, v. 12, n. 12, p. 39-75, 2015.

SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. **Afeto & comum: reflexões sobre a práxis psicossocial**. São Paulo: Alexa Cultural. 2018.

SILVA, D. S. Gênero, raça e classe: discursos de mulheres negras acadêmicas e mulheres negras comunitárias. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências), São Leopoldo, RS, 2016.

SILVA, M. L. Racismo e os efeitos na saúde mental. In I Seminário Saúde da População Negra 2004.

SILVA, N. M. C. Descolonização epistêmica na perspectiva negro-brasileira. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura). UFBA, Salvador, 2021.

SILVA, R. P. Trauma Cultural e sofrimento social: Do banzo às conseqüências psíquicas do racismo para o negro. XXIX Simpósio de História Nacional. 2019. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488493521_ARQUIVO_Traumasocialesofreimentocultural.pdf . Acesso em : 15 de agosto de 2022.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. Editora Vozes, Pretópolis, 2017.

SOUZA, E. S. Formação de intelectuais negros e negras : a experiência de assessores/as educacionais para assuntos da comunidade negra no estado de São Paulo. 2009. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**, 1983.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

SPINK, M., BRIGAGAO, J., NASCIMENTO, V. L. V., CORDEIRO, M (org). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. In: NASCIMENTO, V. L. V., MINIGUINE, R., PEREIRA, T. C. C. Q., O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas, p. 247, 2014.

SUMSTINE, S.; CRUZ, S.; SCHROEDER, C.; TAKEDA, S.; BAVARIAN, N. Racial/ethnic variation in mental health correlates of substance use among collegestudents. **Journal of Ethnicity in Substance Abuse**, v. 17, n. 2, p. 94-107. 2018.

TAVARES, N. O.; OLIVEIRA, L. V.; LAGES, S. R. A percepção dos psicólogos sobre o racismo institucional na saúde pública. **Saúde em Debate**, v. 37, n. 99, p. 580-587. 2013.

VARGAS, J. C. A diáspora negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma geografia supranacional da morte e suas alternativas. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 2, jul./out. 2010.

VIEIRA, E. N.. Cadernos negros : casos de racismo e discriminação em instituições de ensino. 2021.111 f. Dissertação(Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Unidade Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis,GO.

ZAPPELLINI, M. B.; FEUERSCHÜTTE, S. G. O uso da triangulação na pesquisa científica brasileira em administração. **Administração: Ensino E Pesquisa**, v. 6, n. 2, p. 241- 273. 2015.